

# ESCOLARIZAÇÃO NA EMPRESA: CONTRADIÇÕES QUE POSSIBILITAM NOVOS SENTIDOS E SIGNIFICAÇÕES

Mariana Veríssimo<sup>1</sup>

## RESUMO

Neste texto, são apresentadas sinteticamente algumas conclusões da minha dissertação de mestrado cujo título é "Trabalhadores na escola da empresa: convergências e divergências de interesses. A dissertação se estrutura essencialmente em torno da articulação desta questão central: as contradições vividas por trabalhadores que estudam na escola da empresa num contexto de modernização. Este artigo tem como questão central as contradições vividas por um grupo de trabalhadores que estudam na escola da empresa onde trabalham. Para desvendar o objeto as categorias sentido e significação, tomadas dos estudos de Leontiev constituíram-se no eixo central das análises realizadas. Busca-se explicitar as contradições vivenciadas pelos trabalhadores-alunos durante o desenvolvimento da experiência de escolarização enquanto possuidora de pólos negativos e positivos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação dos Trabalhadores, Trabalho e Educação e Empresa-Escola.

## ABSTRACT

In this text, some conclusions of my master dissertation, whose title is "Workers in the company schools: convergencies and divergences of interests", are systematically represented. The dissertation is essentially structured around the articulation of this central question: The contradictions experienced by the workers that study in the company school, in the context of modernization. This paper has as a central question the contradictions experienced by a worker group that study in the school of the company where they work. In order to reveal the object, the categories, the sense and the meaning, taken from Leontiev studies, constituted themselves in the central axis of the realized analysis. This paper intends to make explicit the contradictions experienced by the worker-students during the development of the scholarization experience that has negative and positive poles.

**KEY-WORDS:** Workers education, work and education, company - school

---

<sup>1</sup> Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais e da UNI-BH, Assessora pedagógica do Curso Superior Sequencial de Formação Específica em Gestão da Produção- PUC-Fundação Tourino, Coordenadora pedagógica do Profae-Centro Pedagógico-FAE-

## INTRODUÇÃO

Neste texto, são apresentadas sinteticamente algumas conclusões da minha dissertação de mestrado cujo título é "Trabalhadores na escola da empresa: convergências e divergências de interesses"<sup>2</sup>. A dissertação se estrutura essencialmente em torno da articulação desta questão central: as contradições vividas por trabalhadores que estudam na escola da empresa num contexto de modernização.<sup>3</sup>

Os trabalhadores viviam uma espécie de drama no trabalho marcado por contradições. Ao mesmo tempo em que percebiam a necessidade de estudar para manter o emprego, as condições objetivas e subjetivas de que dispunham eram pouco favoráveis. Ao mesmo tempo em que queriam estudar conforme a empresa orientava, eles se sentiam incapacitados para tal em função do cansaço, dos outros compromissos e responsabilidades e até mesmo por pensarem que o tempo para eles estudarem havia ficado para trás. Ao mesmo tempo em que consideravam esta uma oportunidade de melhorar o nível escolar e se preparar melhor para o mercado, eles se sentiam inseguros porque a cultura operária era a de desconfiar das proposições da empresa.

Os trabalhadores tinham consciência de que se dedicar a esta escolarização significava estar em condição favorável à preservação do emprego, mas significava também redução do tempo livre para o lazer, o convívio familiar e, ainda, deixar de realizar outros projetos com os quais já estavam envolvidos.

Diante de tal dramática<sup>4</sup> eles sentiam que a capacidade de resistir à proposta de estudar na escola da empresa era fraca e assim começaram a participar da experiência de escolarização na escola da empresa que começou com a alfabetização de nove trabalhadores-alunos e conta, atualmente, com mais de 400 alunos.

A pesquisa de campo foi realizada durante três meses, de abril a maio de 1998, em duas unidades que tinham maior demanda por escolarização

---

<sup>2</sup> Sob a orientação da Professora Eloísa Helena Santos -FAE/UFMG.

<sup>3</sup> Por modernização entendendo-se, grosso modo, inovações organizacionais e tecnológicas e o enxugamento das estruturas de tipo fordista. É importante observar que há autores que usam para esta mesma definição o conceito de "reestruturação produtiva" (TOLEDO: 1993 e HIRATA: 1994), e "modernização conservadora" é utilizado por outros. (LEITE: 1994).

<sup>4</sup> SCHWARTZ (1988, 1994) utiliza este termo para realçar as complexidades dos sujeitos no trabalho.

dos trabalhadores. Foram realizadas três visitas semanais à fábrica e à escola da empresa. Nesses dias, eu chegava à fábrica junto com os trabalhadores, acompanhava-os na rotina de trabalho, almoçava com eles e saía da empresa com os mesmos. A sistemática convivência com os trabalhadores em espaços alternativos à fábrica e à escola como a lanchonete, o restaurante, o clube, entre outros, foi fator decisivo na coleta de dados.

O que justifica a escolha desta empresa deve-se ao fato dela criar uma escola de suplência regular de ensino fundamental e médio, com o objetivo de possibilitar aos seus empregados a complementação e conclusão dos estudos. A empresa é a segunda maior fornecedora de peças automotivas para a Fiat Automóveis. Com 26 anos de existência, ela é composta por um grupo de quatro empresas.

Como estes trabalhadores viviam uma experiência de estudo, ao sair do trabalho eles iam para a escola da empresa e eu os acompanhava. Seguí-los até a escola, após oito horas de observação, era demasiadamente cansativo, mas esta era a opção considerada mais viável no sentido de apreender o esforço que eles faziam para vivenciar a experiência de escolarização e trabalho.

Como instrumentos de coleta de dados usou-se a técnica de observação, entrevistas semi-estruturadas em profundidade e "Inventário de Saberes". As entrevistas em profundidade foram realizadas com três trabalhadores-alunos que atuam nessa empresa a mais de cinco anos.

## CATEGORIAS ESSENCIAIS À ANÁLISE DOS DADOS

### *A CONTRADIÇÃO*

A categoria contradição é a base de uma metodologia dialética, podendo ser, todavia, denominada de lei, devido ao seu alcance globalizante (CURY, 1985). Nas contradições existe uma relação entre o que todos os fenômenos têm em comum e o que cada um deles tem de específico. Assim, existe o universal no particular, mas o que possibilita distinguir qualitativamente um fenômeno do outro é a compreensão do que existe de comum entre um fenômeno e os outros. Assim:

A consciência da contradição é o momento em que a contradição se torna princípio explicativo do real. A reflexão sobre o real torna-se o momento em que o homem descobre as contradições existentes no real. Pela reflexão, a

natureza dialética do real encontra, na consciência da contradição, sua expressão subjetiva, e também a possibilidade de uma interferência no real. (CURY, 1985: 32).

VIEIRA PINTO considera que “tudo” quanto existe é ao mesmo tempo, e sob o mesmo ponto de vista, positivo e negativo. Com isto ele afirma que a contradição está no âmago de tudo que é real. Portanto,

“A oposição entre os contrários não significa uma relação externa entre coisas distintas, mas constitui uma característica constante da essência de cada coisa, e em tal sentido tem de figurar no conceito que o pensamento cria a respeito dela”. (VIEIRA PINTO, 1979: 189).

E CURY (1985) acrescenta que a contradição não é apenas uma categoria que possibilita interpretar o real, visto que ela própria existe no movimento do real, como motor interno do movimento, já que se refere ao curso do desenvolvimento da realidade.

Neste sentido, a realidade é dialética e contraditória no seu todo subjetivo-objetivo. A contradição é o movimento originado do real sendo, portanto, motor que conduz o desenvolvimento, seja histórico ou pessoal. Assim, ela sempre expressa uma relação de conflito no devir do real. Essa relação se dá na definição de um elemento pelo que ele não é. Cada coisa requer a existência do seu contrário, como afirmação e negação.

A contradição leva à destruição, mas, ao mesmo tempo, promove a criação, uma vez que ela obriga a superação visto que a contradição é insuportável. (CURY, 1985). Para apreender a problemática central utilizo o conceito contradição porque sua exclusão tornaria a análise unilateral e não daria conta do espaço que é, de um lado, de dominação, e, de outro lado, de realização e recriação da vida presente na atividade de estudo e de trabalho.

### *O DUPLO ASPECTO DO TRABALHO: ABSTRATO E CONCRETO*

O trabalho, de acordo com o conceito marxiano, é considerado sob os aspectos abstrato e concreto que se materializam em valor de troca e valor de uso. A dimensão abstrata produz o valor de troca ou simplesmente mercadoria, e a dimensão concreta produz valor de uso. Neste sentido o trabalho abstrato se liga ao fetichismo da mercadoria. Mas SANTOS (1993) adverte que “isto não impede que todo ato de trabalho seja ao mesmo tempo a obra de homens concretos que mobilizam suas capacidades na produção de objetos úteis e diversificados”.

O trabalho assim concebido possui diferenças qualitativas que são encobertas pelo trabalho abstrato. A este respeito SANTOS afirma que:

Embora todo ato de trabalho seja qualitativamente diferenciado, enquanto mercadoria que se troca, a abstração que é feita quotidianamente sob o modo de produção neutraliza as diferenças. 'Os diferentes valores de uso são o produto da atividade de indivíduos diferentes, logo o resultado de trabalhos diferenciados pelo seu caráter individual'. (MARX, 1957 apud SANTOS 1993: 13)

Todavia a individualidade desaparece pela mediação do tempo de trabalho necessário presente no valor de troca. Segundo SANTOS a abstração que cobre novamente o conceito de trabalho é uma consequência histórica e não um dado em geral nele mesmo. Na troca puramente mercantil, o tempo de trabalho é o intermediário entre um produto e outro. No modo de produção capitalista ele não tem mais esta simples função de abstração porque o tempo de trabalho abstrato é reificado como mercadoria. Ele representa o equivalente geral dinheiro- o salário- e não mais um produto. (SCHWARTZ: 1988 apud SANTOS: 1993)

Assim dividido o conceito de trabalho, tem-se a possibilidade de analisá-lo em seu aspecto útil: relação de troca entre homem e natureza, que visa à produção de objetos úteis e necessários para a sociedade. Nesta relação de troca o trabalho concreto se efetiva como trabalho qualitativo. Por outro lado, é possível analisá-lo como dispêndio de força humana produtiva, física ou intelectual, socialmente determinada, onde emerge a sua dimensão abstrata.

A dimensão abstrata do trabalho, no capitalismo, encobre a diversidade que há no trabalho concreto. Mas o trabalho concreto *expressa a eterna necessidade natural de mediação do intercâmbio entre o homem e a natureza*. O trabalho ocupa lugar relevante em toda e qualquer forma social de produção. Por sua vez, o trabalho abstrato é a forma privilegiada de produção da sociedade capitalista.

O trabalho concreto não desaparece, no modelo de produção capitalista, porém fica encoberto pelo trabalho abstrato. Este assume a forma de realização alienada do trabalho concreto. (TEIXEIRA: 1995)

No modo de produção capitalista, o operário de uma empresa não aliena apenas o seu trabalho. Ele entra em relação com outros homens: o seu patrão, seus chefes e seus companheiros de trabalho. SCHWARTZ (1988) busca subsídios na ergologia para afirmar que toda produção realizada pelo trabalhador tem acrescentado algo da sua singularidade: a distinção entre

trabalho prescrito e real cria um espaço de emersão da singularidade do trabalhador. Este autor chama a atenção para a dimensão concreta do trabalho, por ser nela que ocorre o movimento da vida. É também nesta dimensão que se encontram as contradições vivenciadas pelos trabalhadores que estudam na escola da empresa num contexto de modernização.

Ao evidenciar a dimensão concreta do trabalho, SCHWARTZ (1988) afirma o poder de hominização presente no trabalho concreto. Neste sentido o trabalho concreto recupera a dimensão da cultura, da experiência do trabalhador, da atividade e, sobretudo, da produção do saber no trabalho.

Esta distinção entre trabalho abstrato e trabalho concreto possibilita a utilização do conceito de "ato" conforme definido por Lucien Sève. Tal conceito é fundamental para esta pesquisa porque trata a unidade do abstrato e do concreto na unidade de uma personalidade.

O ato, em sua dupla dimensão psíquica e social, se desdobra em atividade concreta e atividade abstrata, e é a base de uma teoria do indivíduo concreto no trabalho e nas relações sociais de produção. (SÈVE, 1975 apud SANTOS, 1993: 13)

SANTOS considera que a atividade socialmente produtiva do indivíduo é a atividade abstrata e que aquela que se relaciona ao próprio indivíduo é a atividade concreta. Neste sentido, podemos afirmar que as categorias sentido e significação, que constituem o eixo central das análises realizadas nesta dissertação, guardam estreitas relações com as definições anteriores. Assim, a atividade abstrata se relaciona à significação social e a atividade concreta se relaciona ao sentido pessoal.

O concreto e o abstrato se misturam e se contradizem no ato e isto significa que, embora abstrato, o trabalho produtivo contém "micro-atividades-concretas". Em outras palavras, mesmo no trabalho abstrato, o trabalhador tem pequenas iniciativas, toma pequenas decisões e move diversos saberes. Portanto, "o ato cotidiano de trabalho aciona novas capacidades, formas de inteligência diversas, indispensáveis à produção". (SANTOS: 1993)

Interessa-nos, ainda, uma abordagem que verifica como a consciência do homem depende da sua forma de vida humana e da sua própria existência. Isto evidencia a necessidade de se estudar de que modo se formam as relações vitais do homem em determinadas condições sociais históricas e que estrutura particular produz tais relações. É, da mesma forma, necessário compreender como a estrutura da consciência do homem se transforma com a estrutura da sua atividade.

## A ATIVIDADE

A teoria da atividade de LEONTIEV pode ser considerada um desdobramento dos postulados básicos de VYGOTSKI, sobretudo no que diz respeito à relação homem-mundo, enquanto construída historicamente e mediada por instrumentos. Este autor considera as atividades humanas como formas de relação do homem com o mundo, conduzidas por motivos, ou seja, por fins a serem alcançados.

Optou-se por trabalhar o conceito de atividade por se tratar de uma unidade de análise mais adequada para a compreensão de processos psicológicos porque inclui tanto o indivíduo como seu ambiente culturalmente definido. A ação individual, em si, não é suficiente como unidade de análise pois, se esta não estiver incluída num sistema coletivo de atividade, ela é destituída de significação.

O conceito de atividade está relacionado à noção de que o homem orienta-se por objetivos, agindo de maneira intencional, por meio de ações planejadas. O homem se distingue dos outros animais pela sua capacidade de, conscientemente, formular e perseguir objetivos. As atividades humanas, segundo LEONTIEV, são formas de relação do homem com o mundo, são dirigidas por motivos e por fins a serem alcançados.

A atividade de cada indivíduo se dá num sistema de relações sociais e de vida social, onde o trabalho ocupa lugar privilegiado. A atividade psicológica interna do indivíduo tem sua origem na atividade externa. Neste sentido, os processos mentais humanos, ou seja, as funções psicológicas superiores, adquirem uma estrutura necessariamente ligada aos meios e métodos sócio-historicamente formados e transmitidos no processo de trabalho cooperativo e de interação social.

As atividades mentais emergem da atividade prática desenvolvida na sociedade humana com base no trabalho e são formadas no curso da ontogênese de cada pessoa em cada nova geração (LEONTIEV: 1983). Os processos psicológicos do indivíduo, internalizados a partir de processos intersicológicos, passam a mediar a atividade do sujeito no mundo, numa interação constante entre o sujeito, o mundo e as condições concretas da sua existência.

Nas condições reais de existência do homem surgem as necessidades que geram atividades e toda atividade corresponderá a uma necessidade (LEONTIEV: 1978). O objeto da atividade confunde-se sempre com o seu motivo biológico.

Ao analisar a estrutura da atividade humana, LEONTIEV distingue três níveis de funcionamento: a atividade propriamente dita, as ações e as operações. A atividade é um conjunto de ações motivadas por um móbil e que visam a uma meta; ações são operações implementadas no decorrer da atividade e as operações são o conteúdo da atividade (LEONTIEV: 1983)

A atividade é uma maneira complexa de relação entre o homem e o mundo; é uma relação que envolve finalidades conscientes e atuação coletiva e cooperativa. Vimos, ainda, que a atividade se efetiva por meio de ações coordenadas por objetivos. Tais ações são realizadas por todos os membros envolvidos na atividade. O resultado final da atividade permite a satisfação das necessidades do grupo inteiro e possibilita particularmente a satisfação das necessidades individuais de cada indivíduo, ainda que cada um tenha feito uma pequena parte da tarefa.

A atividade humana parece ser, conforme tratada anteriormente, a unidade de análise mais apropriada para se compreender os processos psicológicos do homem porque ela considera tanto o indivíduo quanto o meio que o cerca e que é culturalmente definido. A ação individual, por outro lado, não daria conta da análise porque toma o homem separadamente do sistema coletivo de atividade, o que torna a ação individual destituída de significação.

A atividade humana, resultado do desenvolvimento sócio-histórico, é internalizada pelo indivíduo e forma a sua consciência, sua forma de agir e sua maneira particular de perceber o mundo real.

Associada à compreensão do contexto cultural onde ela ocorre, a atividade é fundamental para a compreensão dos processos psicológicos. Assim, vale reafirmar que da mesma forma que se transforma a estrutura social ao longo da história, se transformará, também, a estrutura do pensamento humano.

Os conceitos desenvolvidos por VYGOTSKI são básicos para a formulação da teoria da atividade de LEONTIEV. A idéia da atividade baseia-se na concepção de homem, ser capaz de agir voluntária e intencionalmente sobre o mundo para atingir fins determinados. Esse modo de funcionamento psicológico é a base dos processos psicológicos superiores tipicamente humanos.

Em todas as etapas do desenvolvimento histórico, a atividade se realiza mediante ações conscientes, nas quais se efetua a transição dos objetivos a produtos da atividade que se subordina aos motivos que a

originam. O que muda radicalmente é o caráter das relações que enlaçam entre si os objetivos e os motivos da atividade.

### *SENTIDO PESSOAL E SIGNIFICAÇÃO SOCIAL*

Estudante e colaborador de VYGOTSKI, LEONTIEV faz a distinção entre sentido pessoal ou subjetivo e significação social. Ele identifica os conceitos de sentido e significação nos primeiros estágios de formação da consciência onde os sentidos pessoais e as significações sociais aparecem fundidos.

A principal característica da consciência primitiva é a coincidência dos sentidos e das significações. O fim desta coincidência ocorre, do ponto de vista do desenvolvimento da consciência, com o alargamento do domínio do consciente, que leva necessariamente ao desenvolvimento do trabalho, dos instrumentos, das formas de relações de trabalho, que preparam a separação do sentido da significação. Todavia, posteriormente, adquirem formas distintas. O sentido pessoal tem sua origem na consciência individual.

Para o próprio sujeito, a conscientização e o alcance dos seus objetivos concretos são formas de afirmar sua vida, de satisfazer e desenvolver suas necessidades materiais e espirituais, objetivadas e transformadas em motivos de sua atividade.

O sujeito pode ter ou não consciência dos motivos da sua atividade, pode dar conta ou não de sua existência e de seus interesses, desejos e gostos;

...su función (do sujeito), tomada desde el punto de vista de la conciencia, consiste en 'valorar' en cierto sentido la significación vital que tienen para el sujeto las circunstancias objetivas; y sus acciones ante estas circunstancias, le confieren un sentido personal que no coincide directamente con la comprensión de su significación objetiva. (1983: 123)

Diante de determinadas condições, a não coincidência dos sentidos e as significações na consciência individual podem dar um caráter alheio de mútua contraposição entre os sentidos e as significações.

O caráter aleatório se manifesta em todas as pessoas independentemente da classe social a que pertencem. O trabalhador se relaciona com o produto em sua significação objetiva dentro dos limites necessários, a fim de realizar as tarefas que o trabalho lhe impõe. Porém, não é nisto que está o sentido do seu trabalho, mas, segundo LEONTIEV

(1983), no salário que ele receberá em troca do serviço prestado e que lhe garantirá o sustento.

El sentido que para él tiene la jornada laboral de doce horas consiste no en que durante ese tiempo él debe coser, soldar, tornear, ajustar, etcétera; sino en que este es el medio de obtener el salario, que le dará la posibilidad de comer, hospedarse en un albergue, dormir. (MARX, C. y F. ENGELS: Obras completas. T. 6.p. 432. Apud LEONTIEV: 1983: 123)

Isto se dá porque as significações que estavam imersas, escondidas, passam a emergir e manifestar-se. Em sua objetividade, como fenômeno da consciência social, as significações refletem para o indivíduo os objetos, independentemente das relações que eles estabelecem, em seu dia-a-dia, com suas necessidades e motivos. (LEONTIEV: 1983)

Faz-se necessário distinguir o sentido pessoal como gerador do sistema da consciência individual. Citando L. S. VYGOTSKI, LEONTIEV afirma que o sentido pessoal cria o plano encoberto da consciência que, freqüentemente, é interpretado dentro da psicologia como algo que expressa diretamente as forças internas que movem o homem e não como sendo formado nas atividades diárias dos sujeitos, durante o desenvolvimento de suas motivações.

A significação é aquilo que num objeto ou fenômeno se descobre objetivamente, por meio de um sistema de ligações, de interações e de relações objetivas. Ela é refletida e fixada na linguagem, o que lhe confere a sua estabilidade. Sob a forma de significações lingüísticas ela constitui o conteúdo da consciência social, tornando-se, assim, a consciência real dos indivíduos, objetivando em si o sentido subjetivo que o refletido tem para eles.

Assim, o reflexo consciente é psicologicamente caracterizado pela presença de uma identificação interna específica, a relação entre sentido subjetivo e significação. A significação é a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível a palavra ou a locução. Ela é a forma ideal espiritual da cristalização da experiência e da prática social da humanidade. A significação pertence ao mundo objetivamente histórico. (1978)

A diferença entre sentido e significação não se dá entre o lógico e o psicológico, mas entre o geral e o particular. Assim: o que uma pessoa pensa, compreende e sabe sobre televisão pode não coincidir com a significação admitida pelos idealizadores de tal aparelho eletrônico. No entanto a televisão não deixa de ter a significação dada pelos seus

idealizadores só porque tomou, para alguém, um sentido diferente da sua significação.

As significações refletem e se cristalizam sob a forma de significações verbais, de conceitos, de saberes e *savoir-faire*, as práticas sociais da humanidade. A significação é a forma ideal, espiritual da concretização da experiência e da prática social humana. A esfera das representações de uma sociedade, sua ciência, sua linguagem enfim, constitui os sistemas de significações.

O homem encontra um sistema de significações pronto, elaborado historicamente, do qual se apropria (LEONTIEV: 1978). As significações sociais apropriadas tornam-se objetos da consciência e da atividade psíquica individual submetida às leis específicas e pessoais, mas elas não perdem seu conteúdo objetivo.

Segundo LEONTIEV as significações têm esta dupla via. Assim, no seu conteúdo objetivo elas são submissas às leis sócio-históricas e à lógica interior do seu próprio desenvolvimento. A segunda via refere-se ao seu funcionamento nos processos de atividade e de consciência dos indivíduos concretos. Nesta segunda via as significações se individualizam e se subjetivam. Mas somente neste sentido elas não evoluem mais diretamente nos sistemas de relações sociais. Assim as significações entram em um outro sistema de relações Mas LEONTIEV destaca que elas não perdem sua natureza histórica e nem o seu conteúdo objetivo.

As significações são apropriadas pelos sujeitos humanos. Entretanto eles as inserem em outro sistema de relações onde ele mesmo determina seu sentido objetivo. Assim, elas se submetem às leis próprias do funcionamento psíquico e aos processos subjetivos. Neste sentido a apropriação feita por cada sujeito singular necessita que as significações sejam revestidas de um sentido pessoal.

O sujeito se apropria de determinada significação ou não, a assimila ou não, de acordo com o seu interesse por ela e isto depende do sentido subjetivo ou pessoal que esta tem para ele. Assim, cabe perguntar: O que é sentido pessoal? Onde está sua origem?

Para LEONTIEV o sentido está presente em tudo que o sujeito realiza na vida, em todas as suas atividades. Ele é fundamental nas relações objetivas porque ele incita o sujeito a agir ou se manter imóvel, enfim, orienta a ação do sujeito como resultado imediato. Assim o sentido traduz a relação do motivo da atividade com a ação mais imediata.

Esta definição de sentido tem sua origem na significação, mas não pode nascer dela somente. Sua origem está nas leis de desenvolvimento que são leis da “esfera motivante”, no plano encoberto da consciência.

Assim, verifica-se que a realidade apresenta-se ao homem na sua significação. Todavia, para cada um, ela adquire uma forma particular que irá definir o sentido pessoal.

A significação mediatiza o reflexo do mundo no homem na medida em que este tem consciência daquele, ou seja, na medida em que o seu reflexo do mundo se apóia na experiência da prática social e a integra. Portanto um objeto é percebido como objeto real e não a sua significação.

O fato propriamente psicológico é que o indivíduo se apropria ou não de uma dada significação; apropriando-se, assimila-a em graus diferentes; e então a significação adquire valor novo para ele, para a sua personalidade. Este novo valor depende do sentido subjetivo e pessoal que tal significação adquire para o indivíduo.

A diferença entre significação e sentido pessoal não tem uma existência própria “*supraindividual*”, “*não psicológica*” pois, conforme afirma LEONTIEV (1983), a sensação da realidade externa relaciona na consciência do sujeito as significações com a realidade da sua própria vida e com suas motivações. O sentido pessoal é também o que origina a parcialidade da consciência humana.

As significações em geral existem somente enquanto realizam uma idéia ou outra, já que suas ações e operações não podem existir senão ao realizar uma atividade movida por um *móvil* ou por uma necessidade. O sentido pessoal tem sempre sentido de algo.

A transformação do sentido em significações é um processo íntimo profundo, de conteúdo psicológico e que de nenhum modo tem lugar automático e instantaneamente. Para explicar as dificuldades desta transformação, o autor cita a dificuldade em transformar as idéias em palavras.

La psicología científica conoce de este proceso solamente en sus manifestaciones parciales, en los fenómenos de ‘racionalización’ por las personas de sus estímulos reales, en las experiencias vivenciales tormentosas del tránsito de la idea a la palabra (‘he olvidado el verbo, lo que yo quería decir, y la idea etérea regresa al reino de las sombras’ –señala L. S. VYGOTSKI citando a TIUTCHEV) (1983: 126)

LEONTIEV afirma que este fenômeno está carregado de uma contradição capital pois os sentidos só podem ser construídos a partir de

uma gramática social de significações. Assim, conclui-se que o ser, em nível social e individual, não fala por si. O indivíduo não tem um idioma particular de significações elaborado por ele mesmo. Portanto, a conscientização dos fenômenos da realidade age no homem por intermédio de significações construídas a partir da sua apreensão do mundo externo. Da mesma forma, os conhecimentos, os conceitos e pontos de vista são obtidos por intermédio das diversas formas de comunicação individual e coletiva.

LEONTIEV considera que as idéias impostas são transformadas em estereótipos capazes de gerar resistências que podem ser destruídas diante de confrontos vitais. Estes confrontos são fundamentais para que os indivíduos transformem os sentidos pessoais subjetivos em outras significações adequadas a si mesmo. Isto se dá em condições de lutas com a consciência, ou seja, lutas internas.

Un análisis más detallado de esta retransmutación de los sentidos personales a significaciones adecuadas –más adecuadas- demuestra, que esta transcurre en condiciones de luchas por la conciencia de las personas, lucha que se produce a nivel social. (1983: 127)

Mas este lembra que não se trata de uma situação em que o indivíduo está olhando uma vitrine de significações para fazer sua escolha. Não se dá assim porque as representações, idéias e conceitos não estão aguardando por ser escolhidas, mas penetram nas suas relações com as outras pessoas que participam do seu convívio. Quando o indivíduo se vê obrigado a escolher determinada condição de vida, ele a escolhe não pela significação, mas pelas *posiciones sociales en conflicto, que se manifiestan y concientizan através de estas significaciones*.

Os sentidos pessoais não desaparecem, porque eles se apresentam, permanentemente, trazendo em si a intencionalidade, a parcialidade da consciência do sujeito e das significações com as quais este lida ao longo da sua vida. São os sentidos pessoais que povoam o movimento interno do sistema desenvolvido da consciência individual. Tal movimento é formado por sentidos que não podem ser expressos, por significações adequadas, significações reservadas ao seu fundamento vital e por onde, às vezes, não têm crédito na consciência do sujeito e ainda se criam pela existência de motivos e objetivos que entram em conflito entre si. O movimento interno da consciência individual é gerado pelo movimento da atividade objetiva humana.

## SÍNTESE DAS CONCLUSÕES OBTIDAS

Quando se reflete sobre as contradições vividas pelos trabalhadores que estudam na escola da empresa num contexto de modernização, conclui-se que o novo paradigma técnico produtivo deixa saídas contraditórias para o trabalhador que sofre as coerções às quais é submetido na organização do trabalho e se envolve em um processo de infundáveis negações e afirmações simultâneas.

Afirmando então a hipótese de que a experiência de escolarização na escola da empresa ora convergia e ora divergia dos interesses dos trabalhadores, passa-se a apontar, a título de conclusão, como as contradições são superadas ao serem perpassadas por sentidos pessoais e significações sociais.

A primeira observação importante é a de que no sistema vigente, assentado na intensa divisão do trabalho e especialização funcional e apoiado em uma estrutura ocupacional polarizada, até a modernização da empresa, o baixo perfil educacional da força de trabalho não chegou a constituir obstáculo ao processo de produção e ao crescimento da empresa pesquisada.

Entretanto, quando este grupo passa a se confrontar com técnicas diferentes de organização, gestão do trabalho e de automação, isto se tornou impossível e o resultado mais surpreendente é o investimento da empresa na educação formal dos empregados. Sua estrutura ocupacional se torna mais integrada, com maior participação dos trabalhadores em pequenas decisões que antes eram exclusivas da gerência.

Observa-se, por exemplo, na ocupação dos operadores de máquinas-ferramentas, que as tarefas de execução, realizadas pelos trabalhadores, são reduzidas, porque as máquinas praticamente fazem o trabalho autonomamente. Por outro lado, as atividades de preparação do trabalho (incluindo preparação das máquinas, do ferramental e teste de arrancamento) tornam-se mais complexas exigindo novas habilidades e conhecimentos.

No modelo flexível adotado pela empresa, os trabalhadores realizam o controle de qualidade das peças e são chamados, freqüentemente, para participarem de reuniões no chão-de-fábrica, onde apontam erros de programas percebidos durante a produção e sugerem soluções.

Estas constatações, realizadas junto ao trabalho efetivado nas empresas do grupo Alfa, permitem concluir pela exigência de novas

demandas educacionais para os trabalhadores envolvidos no processo produtivo. Verifica-se novas demandas em nível de conhecimento e atitudes ligadas, principalmente, à maior aptidão cognitiva, capacidade de abstração, maior responsabilidade e propensão para atividades em conjunto na condução do processo de trabalho.

Para atender tais exigências, a empresa organizou, em 1996, uma escola para os seus empregados e desencadeia um processo de conscientização destes quanto à necessidade de estudar. Nas questões mais gerais, acima referidas, há convergências de interesses dos empresários e dos trabalhadores por maior nível de escolaridade. No entanto, quando descemos ao detalhamento dessas questões, as divergências, orientadas por interesses de classe, surgem e se explicitam tanto no que diz respeito às condições objetivas como subjetivas à experiência de escolarização.

Os dados indicam que a atividade de escolarização na empresa é contraditória porque possui uma dupla face: por um lado, ela tem um pólo negativo onde se inscrevem as significações sociais genéricas que são apropriadas pelos trabalhadores e, por outro lado, possui um pólo positivo onde se inscrevem os sentidos pessoais nas suas singularidades.

A pesquisa detecta pontos de convergência e divergência de interesses entre a empresa e os trabalhadores a propósito da experiência de escolarização. Os trabalhadores começam a estudar para atender as exigências da empresa, fazendo "uso de si por outros" porque não existe, efetivamente, uma liberdade absoluta no trabalho. Mas o desenvolvimento da experiência de escolarização faz com que eles se sintam envolvidos pelo processo de estudo, passando a estudar porque tomaram gosto em aprender, então eles fazem "uso de si por si". Isto evidencia que, da mesma forma, não há uma dominação absoluta do capital.

Os trabalhadores realizam a atividade de escolarização em virtude das exigências externas ou das significações sociais, mas encontram nesta atividade o sentido pessoal ao relacioná-la a outras "coisas" da vida. Embora a escolarização tenha, inicialmente, a significação social relacionada à garantia do emprego, o resultado é bem maior, pois eles passam a se sentir mais prestigiados e recuperam a auto-estima. Eles encontram a relevância da educação para suas vidas no desenvolvimento da experiência de escolarização na empresa.

A experiência de escolarização vivenciada na empresa prova que o trabalho é um espaço contraditório onde se movem seres humanos, também contraditórios. Os trabalhadores descobrem a possibilidade de realização

nos estudos não em função da manutenção do emprego, mas porque desvelam o desejo de saber coisas novas, o prazer na leitura e na escrita e, ainda, a possibilidade de se relacionar com os outros e consigo mesmo de novas formas.

Embora os trabalhadores não possam optar entre estudar ou não estudar na escola da empresa, cuja atividade adquire a significação social de cumprimento de mais uma obrigação, os trabalhadores, num primeiro momento, se submetem a estudar por um motivo exterior. Entretanto, paulatinamente, os sentidos pessoais atribuídos à experiência de escolarização os capacitam para superarem as contradições e se apropriarem das ferramentas da educação tais como: a leitura, a escrita, o conhecimento sistematizado e reconhecido pela sociedade capitalista fundamentais na luta por uma sociedade mais justa, fraterna e igualitária.

A experiência de escolarização na empresa tem o sentido pessoal de servir aos trabalhadores como forma de alargamento de horizontes, maior domínio sobre o processo produtivo, melhor relacionamento interpessoal, poder ajudar os filhos nas tarefas escolares e o desenvolvimento da consciência coletiva. Embora seja necessário considerar que se trata de uma escolarização sob o domínio da empresa, é também verdade que esta não determina tudo porque alguma coisa lhe escapa e este é o espaço, utilizado pelo trabalhador, de realização e recriação da vida.

As contradições ocorrem porque elas requerem fazer escolhas e tomar decisões e isto sempre causa algum sofrimento. Entretanto, os trabalhadores não se propõem a viver a experiência de escolarização exclusivamente porque a empresa exige. Existe efetivamente uma mistura de significações sociais e de sentidos pessoais que os move a estudar.

Diferentemente dos empresários, os trabalhadores vêm na experiência de escolarização uma possibilidade de desenvolvimento de potencialidades que os capacitam para a emancipação. Já para a empresa a escolarização dos trabalhadores está condicionada por fatores como: custo/benefício, aumento da produtividade, da concorrência e da capacidade de competir no mercado, o controle sobre o trabalho e o processo produtivo, melhoria das formas de interação entre os trabalhadores e chefias, entre outros.

A escolarização, por um lado promove a formalização dos saberes produzidos no trabalho por meio das normas e registros realizados no chão-de-fábrica. Nesse sentido favorece maior domínio do capital sobre o processo de trabalho. Por outro lado fomenta um novo momento de

expressão da união do saber ao fazer. E o capitalismo vive atualmente a mais fantástica de suas contradições, na medida em que encontra dificuldade em manter a divisão entre pensar e executar.

Ao se formarem para o mercado, sob as determinações das relações sociais de exclusão ou, de dentro destas relações, postas como realidade, os trabalhadores podem, a partir da experiência de escolarização na empresa, vir a vislumbrar e lutar por uma relação humana omnilateral no chão-de-fábrica, espaço de domínio do capital e, contraditoriamente, de afirmação do trabalhador.

Evidencia-se ao mesmo tempo a contradição que a empresa enfrenta para se tornar competitiva internacionalmente e as contradições que os trabalhadores vivenciam frente à possibilidade de estudar, desenvolvendo concretamente os sinais fortemente presentes de uma nova forma de produzir sua existência e as dificuldades enfrentadas para concretizarem a experiência de escolarização.

A pesquisa revela que o sonho de estudar, dispor de horas de lazer, cultivar a arte e o corpo, de acompanhar as atividades escolares dos filhos e estar com a família, não é necessariamente incompatível com "ser metalúrgico" ou ser "trabalhador produtivo" e ser "aluno". A incompatibilidade está inscrita na divisão do trabalho e nas relações classistas de produção.

É verdade que a empresa alcançou seu objetivo proposto com o projeto de escolarização e obteve sucesso em sua investida, formando seus empregados no nível médio até o ano 2000 porque os seus empregados permitiram o "uso de si por outros". Mas é também verdade que eles se apropriaram da experiência de escolarização na escola da empresa e fizeram "uso de si por si mesmo" a propósito da escolarização.

Assim, uma experiência potencialmente frustrada, porque os trabalhadores relatam diversos impedimentos à sua realização, torna-se emancipadora porque os trabalhadores se encontram mais preparados frente à luta pela transformação social tendo em vista a construção de uma sociedade que dê chances a cada um de fazer projetos futuros e alimentar o sonho de realização pessoal.

No decurso do desenvolvimento da experiência educativa, o lugar que os trabalhadores ocupavam objetivamente no sistema das relações humanas mudou. A partir da vivência escolar eles penetram num mundo mais vasto de que se apropria de forma ativa. Assim, surgem novas necessidades como

a de conhecer não apenas a realidade que os rodeia, mas igualmente, o saber que existe sobre esta realidade.

A modificação do lugar que o trabalhador passa a ocupar no sistema das relações sociais não determina por si só a superação do desejo de aprender a ler e a escrever. O que determina diretamente o desenvolvimento de outras necessidades em relação à escolarização é a sua própria vida, o desenvolvimento dos processos reais desta vida, isto é, o desenvolvimento desta atividade, tanto exterior como interior. E o desenvolvimento desta atividade depende por sua vez das condições em que ela se dá.

A partir da análise do conteúdo da atividade que os trabalhadores desenvolvem, foi possível compreender o papel primordial da educação que age justamente sobre a atividade destes, sobre as suas relações com a realidade e determina também o seu psiquismo, a sua consciência.

Assim, pode-se afirmar que aquilo para que estava dirigido o ato de estudar era a necessidade de obter o diploma exigido pela empresa, e garantir o emprego constituía o motivo. Por outro lado, a apropriação do conteúdo que estava representado naquele certificado satisfazia, simultaneamente, a uma necessidade particular que se referia à sua inserção no mundo. O motivo que os incitava a estudar passou a ser o desejo de saber, ainda que ele tenha surgido da necessidade de manter o emprego. O fim da escolarização coincidia, portanto, com o que levava os trabalhadores a estudar e a escola era, neste caso preciso, uma atividade propriamente dita.<sup>5</sup>

O ato de estudar não é, para os trabalhadores, uma ação, apenas, ou seja, um processo cujo motivo não coincide com o seu fim, pois o fim da escolarização é possibilitar a apropriação do conhecimento acumulado e este fim imediato mantém uma relação determinada com o motivo da atividade que, mais do que se preparar para o mercado de trabalho é garantir o crescimento pessoal.

A experiência de estudar faz com que os trabalhadores descubram que a vida está em constante processo de construção e que a experiência de escolarização minimiza o alheamento próprio dos baixos níveis educacionais. Deste modo, o trabalhador, ao desenvolver a atividade de escolarização, constitui novas relações sociais, e nestas, passa a forjar novas relações de trabalho bem como novos processos de subjetivação.

<sup>5</sup> LEONTIEV, 1978.

Para finalizar, conclui-se que é necessário ampliar a reflexão acerca da escolarização dos trabalhadores viabilizada pelas empresas. No que tange às contradições presentes na elevação dos níveis escolares dos trabalhadores, esta pesquisa aponta pistas para novos estudos a serem desenvolvidos pelo campo trabalho e educação.

No plano objetivo, é necessário investigar as implicações da escolarização no relacionamento familiar dos trabalhadores-alunos. Buscar compreender as contribuições que a educação traz para a harmonia e o bom andamento das relações estabelecidas pelos membros das famílias dos trabalhadores-alunos.

Da mesma forma verifica-se a necessidade de se aprofundar nas investigações a respeito do tempo, pois a pressão do tempo se focaliza sobre o trabalhador pelas tensões da urgência, pelas exigências do risco de tudo gerenciar, respeitando os prazos e os imperativos de qualidade. Tudo isto se contrapõe ao imperativo de conciliar estudo, trabalho, lazer e família.

As contribuições que esta pesquisa traz para o campo trabalho e educação se dá, sobretudo, para a dimensão da contradição existente no trabalho. Assim, não se pode afirmar a dominação absoluta do capital e nem de liberdade absoluta do trabalhador na experiência de escolarização no chão-de-fábrica. Observa-se, então, que existe uma certa dramática no trabalho em que tanto trabalhadores quanto empresa negociam, constantemente seus interesses.

Numa pesquisa como esta, é praticamente impossível compreender os diversos sentidos pessoais e significações sociais subjacentes às falas porque elas podem se apresentar com parcialidades e fragmentações e ter como conteúdo elementos de origem muito diversas. Podem existir, também, diferentes graus de informação e conhecimento, dentro do grupo de trabalhadores-alunos, a respeito das questões focalizadas, e é possível até que haja contradições internas até mesmo às manifestações individuais.

Os balizamentos metodológicos que orientaram a realização desta pesquisa procuraram, no entanto, levar em conta alguns elementos das condições de produção das percepções e pontos de vista dos trabalhadores bem como os pontos de referência que utilizam para explicar como vêem a experiência de escolarização na empresa.

Procurou-se, assim, entender as manifestações e o olhar de cada trabalhador-aluno como expressões das circunstâncias de condições materiais e de relações sociais, tais como as vivem concretamente, pois cada discurso vem de lugares sociais e contextos definidos. Cada sujeito

representa singularidades, diferenciações internas ao trabalhador coletivo, mas, através delas, considero que é possível obter elementos de identidades coletivas, visto que cada discurso é, ao mesmo tempo, individual e coletivo. Assim, só em termos relativos, é possível fazer comparações, ao trabalhar informações qualitativas como as que foram levantadas para esta pesquisa.

## BIBLIOGRAFIA

- ANTUNES, Ricardo. *Adeus ao Trabalho?*: ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez, 1997.
- ARANHA, A V. Tecnologia e Qualificação do trabalhador: A complexidade do desenvolvimento técnico e sócio-humano. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, NETE, n.º 3, 98, pp. 13-27
- BAKTHIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo; Heucitec, 1981.
- CARVALHO, Ricardo. As novas tecnologias de gestão e de mobilização da subjetividade em uma indústria automobilística no Brasil. Tese de Doutorado. Universidade de Paris VII.
- CHARLOT, Bernard. "Criança no Singular". *Presença Pedagógica*, Belo Horizonte, N.º 10, v. 2, p. 5-15, jul/ago. 1996.
- \_\_\_\_\_. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000
- \_\_\_\_\_. Relação com o saber e com a escola entre estudantes de Periferia. *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo: n.º 1, p. 47-63, jul. 1971.
- CLOT, Yves. "Le psychisme entre activité et subjetivité". In: SILVEIRA, P. e DORAY, B.(Orgs). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos tribunais, 1989. P. 147-208.
- CURY, C. R. Jamil . *Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo*. São Paulo, S.P: Cortez, 1985
- FERRETTI, Celso João. (Org.) *Novas Tecnologias, Trabalho e Educação: um debate multidisciplinar*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Cortez, 1996.
- LEONTIEV, A. N. Actividad, consciencia y personalidad. Calle, Pueblo y Educación, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Problems of the Development of the Mind*. Moscou: Progress Publishers, 1981.
- MACHADO, Lucília. "Controle da Qualidade Total: uma nova gestão do trabalho, uma nova pedagogia do capital". In: FIDALGO, F. S. & MACHADO, L. R. *Controle da Qualidade Total: uma nova pedagogia do capital*. Belo Horizonte, Movimento de Cultura Marxista, 1994.
- MARX, Karl. *Manuscritos Econômicos e Filosófico de 1844*. São Paulo: Abril, 1974
- \_\_\_\_\_. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

- PINTO, Alvaro Vieira. *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- SANTOS, Eloisa Helena. Ciência e Cultura: uma outra relação entre saber e trabalho. *Caderno de Serviços Sociais da PUC*. Belo Horizonte, V. 1. N.º 1, p. 9-18, jul. 1993.
- \_\_\_\_\_. O sujeito nas relações sociais e formativas. In: FERRETTI, Celso João et al. *Trabalho formação e currículo: para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, 1999.
- \_\_\_\_\_. Trabalho prescrito e real no atual mundo do trabalho. *Trabalho e Educação.*, Belo Horizonte, NETE, n.º 1
- SCHWARTZ, Yves. *Experience et connaissance du travail*. Paris: Ed. Sociales, 1988
- \_\_\_\_\_. *Je, sur l'individualité*. Éditions Sociales: Paris, 1987
- \_\_\_\_\_. *Travail et philosophie, convocations mutuelles*. Octarès, Paris: 1992
- SEGNINI, L. R. PETRILLI. Educação, trabalho e desenvolvimento: uma complexa relação. *Trabalho & Educação*, NETE-FAE-UFMG, Belo Horizonte: jul./dez/ 1999. Jan/jul/ 2000- n.º 6
- SÈVEN, Lucien. "A personalidade em gestação". In: SILVEIRA, P e Doray, B. (org.). *Elementos para uma teoria marxista da subjetividade*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1989. P. 147-208.
- \_\_\_\_\_. *Marxisme et theorie de la personnalité*. Paris: Ed. Sociales, 1975
- VYGOTSKY, L. S. *A formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Pensamento e Linguagem*. Lisboa: Antídoto, 1979.
- WOLFGANG, Leo Maar. Fim da Sociedade do trabalho ou emancipação crítica do trabalho social. In: *Liberalismo e socialismo: velhos e novos paradigmas/ vários autores-* São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1995.
- ZARIFIAN, P. As novas abordagens da produtividade. In: Soares, R. M. S. M. (org.) *Gestão da Empresa: Automação e Competitividade*. Brasília: IPEA/IPLAN, 1990, pp. 73-97.